

# “CONTO DE ÔNIBUS” - VÍDEO-ENSAIO E O OUTRO POR ELE MESMO

*Data de aceite: 02/10/2023*

### **Talita Caselato**

Realizadora e investigadora filiada ao Centro de Investigação em Belas Artes da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal

## **INTRODUÇÃO**

Neste livro investigo, concomitante ao ato da escrita, a possibilidade de indexação do vídeo “Conto de ônibus” realizado em 2014 pelo grupo Atos Cultivados na cidade de São Paulo como um vídeo-ensaio. As reflexões sobre a criação artística serão comparadas ao que ocorre em “Os catadores e eu” de Agnès Varda, “Jogo de cena” de Eduardo Coutinho e “Santiago” de João Moreira Salles.

### **O outro como realizador/ vídeo-artista**

A primeira grande diferença entre os filmes “Os catadores e eu” de Agnès Varda, “Jogo de cena” de Eduardo Coutinho, “Santiago” de João Moreira

Salles em relação a “Conto de ônibus” do grupo Atos Cultivados está no fato de os realizadores, o grupo Atos Cultivados, não serem cineastas profissionais. De modo que a tentativa de relacioná-los pode soar a alguns um tanto incoerente. Sua importância, entretanto, deve-se ao fato de os realizadores/ vídeo-artistas de “Conto de ônibus” estarem entre a realização e o outro que o documentário busca. Estão entre Salles e Santiago, entre Coutinho e as mulheres de “Jogo de Cena” e entre Varda-realizadora e Varda-catadora. O grupo funda uma relação um tanto diversa (ou inversa) da relação de poder descoberta no próprio filme por Salles ou de Varda enquanto catadora de imagens.

“Santiago” e “Jogo de Cena” foram filmes de referência para “Conto de ônibus”, e “Os catadores e eu” será a referência da próxima pesquisa do grupo. É então neste lugar de aprendizado que as relações se farão.

### **Atos Cultivados**

Os participantes do grupo que

realizaram o vídeo “Conto de ônibus” são: Bruna Edilamar, Isabella Carvalho, Bianca Gomes, Matheus Campos, Lidinara Gouveia e Naiara Novais. Todos estudantes do ensino médio /secundário da escola pública na cidade de São Paulo, moradores da zona norte, interessados em arte, participam de ensino técnicos, oficinas, espetáculos, assistem filmes, lêem livros e perambulam pela cidade atrás das oportunidades de olhar o mundo de forma incomum. O grupo foi orientado no Projeto Vocacional de Artes Visuais da Biblioteca Nuto Sant’Anna pela autora deste texto: Talita Caselato de 2013 a 2016. No ano de 2014 ganharam o prêmio VAI I - Artes Integradas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. No ano de 2015 ganharam o prêmio VAI I - Artes Visuais, e em 2016 o VAI II - Artes Visuais e o Edital Redes e Ruas.

### “CONTO DE ÔNIBUS”

O vídeo inicia com a catraca do ônibus/autocarro da capital paulista. Vê-se as linhas amarelas que formam a catraca e as estruturas onde os usuários se apóiam para não cair. Vê-se os pés e chinelos já um tanto utilizados.



Figura 1. *Still* em 00:00:01 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

### Santana

No ponto de ônibus, em Santana (sabemos do lugar pelo ônibus que encerra a imagem), uma primeira cidadã é abordada. Bruna escuta sua história, o ônibus parte, a mulher se levanta. Ela não foi com o ônibus e então não sabemos porque ela estava ali. Não escutamos nada, só vimos os gestos. No plano seguinte, escutamos Bruna narrar a história que lhe foi contada: “Ela foi ativista no período da ditadura. A família dela era perseguida por judeus. Esses judeus estupravam/ violavam pessoas, que eram de um partido ou de

uma religião. Ela falou alguma coisa referente à família Vergueiro. Ela era desta família que era buscada pelos judeus. Esses judeus estavam atrás tanto da família dela como de alguns indígenas que saíam da Amazônia e vinham para São Paulo. Os judeus estupravam as mulheres da família dela e dos que vinham pra cá. Tinha uma índia (indígena) que sempre era estuprada, ela fez uma ponta no bambu e começou a se machucar, a cortar a barriga, a virilha, a própria vagina mesmo pra não ser estuprada de novo. Esses judeus lutaram para fazer um hospital, mas não com tijolos e nem com cimento, mas com corpos humanos [...].”

Lidinara captura a segunda história: “Ela perdeu a prima muito nova e este foi o primeiro contato com a morte que ela teve.”

Nos intervalos entre uma história e outra vemos os performers tentando captar as palavras dos moradores dali. Muitas vezes eles fracassam, ou se envergonham, ou encontram amigos e a conversa vira outra.

Isabella: “Ela estava lá e aí eu fui contar a minha história pra ela, e eu contei muito rápido. E ela falou: Tudo bem isto é normal os pais não aceitem. E eu continuei contando, e ela: Eu sei disso, eu namoro uma menina. Aí eu perguntei pra ela se ela tinha uma história pra contar pra mim sobre você saber de uma verdade e não acreditar nela. E ela falou: Mas quem é você? Eu não te conheço. E eu fui embora, achei engraçado a naturalidade com que ela lidou com isto [...].”

Nesta primeira parte começamos a perceber o procedimento performático que ao longo do vídeo será explicitado. Percebemos o pensar do performer sobre sua própria história (de vida) a partir do momento que a conta para outro.



Figura 2. *Still* em 00:01:23 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 3. *Still* em 00:02:46 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 4. *Still* em 00:03:54 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.





Figura 5. *Still* em 00:04:32 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 6. *Still* em 00:04:32 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 7. *Still* em 00:04:49 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 8. *Still* em 00:05:25 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

## Jaçanã

A paisagem muda. O comércio e os estabelecimentos dão lugar às casas de tijolo baiano aparente e telhado de zinco, árvores, antenas parabólicas, o som de crianças brincando e um *reggae*.

Bruna: “A primeira história que eu coletei foi de um rapaz que aparentava ter uns 19 anos e eu perguntei se ele já se sentiu acolhido em algum lugar, ele falou que se sente acolhido na terra dele, em Maceió, que era muito longe daqui. Ele falou que morava

sozinho, e que era ruim.”

Entre um intervalo de história e outro aparecem os ônibus com suas placas Jaçanã - Metrô Santana, Vila Nova Galvão - Metrô Santana, Jd Fontalis - Metrô/CPTM Barra Funda.

Bruna: “A segunda história que eu recolhi foi de um senhor [...]. Ele falou que se sente acolhido em casa, porque todo mundo se dá bem e a família dele é bem reunida [...].”

Isabella: “Eu cheguei numa senhora, contei a minha história. Ela ficou surpresa. E quando eu perguntei pra ela, ela disse que era sempre verdadeira, que também tinha filhos e sempre pediu pra eles falarem a verdade pra ela, até porque a mentira tinha perna curta.”

Bruna: “A última história que eu recolhi foi com um garoto que aparentava uns 8, 10 anos. E eu falei uma parte da minha história que eu brigava com meu pai e ia pro centro, só que ele (o menino) deu uma piscada e começou a coçar o olho e não conseguiu falar nada, e o ônibus dele chegou.”

A porta do ônibus se fecha, a placa de trânsito nos mostra a próxima direção.



Figura 9. *Still* em 00:06:15 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 10. Still em 00:06:21 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 11. Still em 00:06:56 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.





Figura 12. *Still* em 00:07:30 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 13. *Still* em 00:07:38 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.





Figura 14. *Still* em 00:08:22 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 15. *Still* em 00:08:33 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

## Vila Nova Cachoeirinha

Ao fundo: a favela e a chuva. A câmera aponta os pés que entram pela dianteira do ônibus.

Bruna: “Eu perguntei pra ela se ela já se sentiu acolhida em algum lugar [...]. Ela falou que não, que hoje em dia é muito difícil se sentir acolhida em algum lugar, porque as pessoas são muito ruins [...]. A vida corre muito rápido [...]. Ela se sente acolhida na casa do Senhor.”

Isabella: “[...] Ela falou que não, que isto não era o certo a se fazer e se ela sabe que uma coisa é verdade ela tem de acreditar e assumir. Ela tinha uma filha da minha idade [...] e disse que se a filha dela tivesse contado a mesma história que eu contei pra ela, ela iria aceitar de qualquer forma porque ela ama a filha dela e assim tinha de ser com meu pai.”

Isabella: “Eu perguntei a um senhor se ela já tinha fingido não acreditar em alguma coisa que ele sabia que era verdade. Ele falou que não, que ele nunca fez isto porque isto não é bom e quando a gente sabe o certo a se fazer temos que assumir. Ele perguntou do que eu gostava mesmo (risos). Aí eu falei: dos dois. Ele falou: Mas isto é errado, você tem de gostar só de um. Você sabe qual é o certo a se fazer. E que a escolha era minha [...].”

Novamente a placa de trânsito aparece mostrando a próxima geografia a ser encontrada.



Figura 16. *Still* em 00:08:41 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

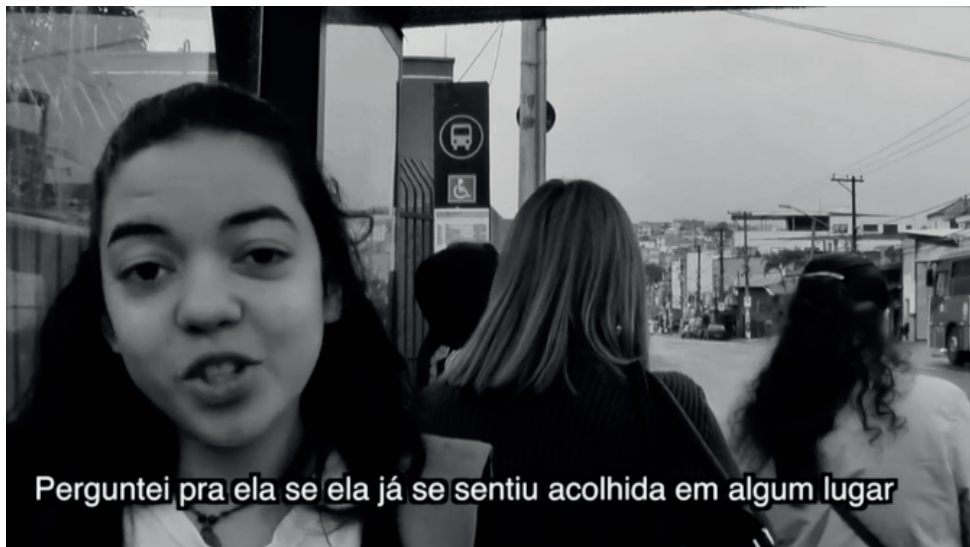


Figura 17. *Still* em 00:10:06 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 18. *Still* em 00:11:49 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

## Brasilândia

Vemos Brasilândia da Vila Nova Cachoeirinha. No próximo *take* aparece o ponto de ônibus com a Biblioteca Afonso Schmidt ao fundo.

Isabella: “Ela falou: Dentro dessa situação que você acabou de falar não. Eu perguntei pra ela: E de outras? Ela: Não, porque temos sempre de ser verdadeiros em tudo que fazemos e eu sempre sou verdadeira [...]”

Isabella: “A senhora: Putz meu! Esta é uma boa pergunta, nunca parei pra pensar,

foi bom você ter me perguntado isso. Agora eu vou voltar pra casa com esta pergunta na cabeça”.



Figura 19. *Still* em 00:12:14 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

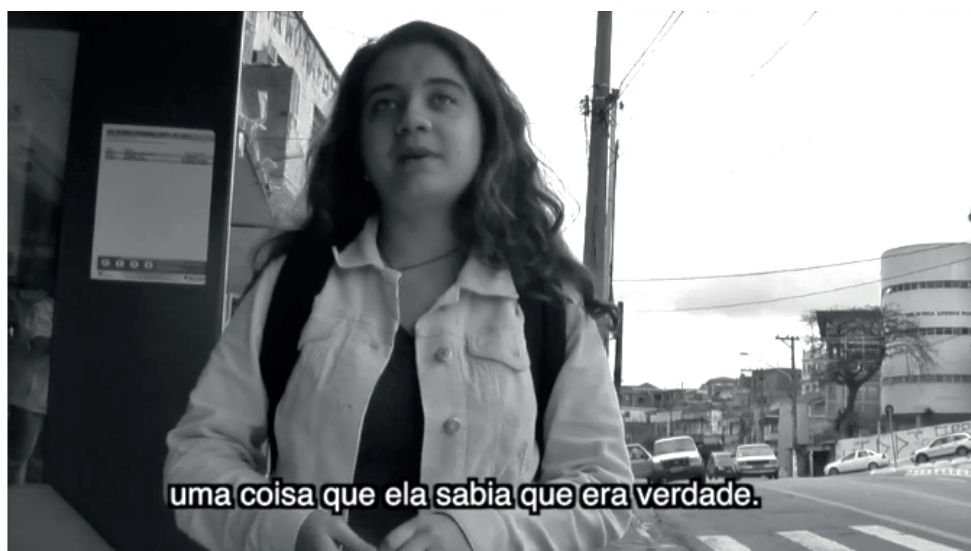


Figura 20. *Still* em 00:12:29 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.





Figura 21. *Still* em 00:13:09 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 22. *Still* em 00:13:24 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

## Pirituba

Bianca: “Eu abordei um senhor e perguntei qual era o canto dele. Ele estava apressado, me disse que o canto dele era o trabalho”.

Bianca: “Eu abordei uma senhora e ela me disse que tinha um canto. Ela não entendia o porquê da pergunta.”

Matheus: “Eu abordei uma mulher e perguntei pra ela se ela se sentia acolhida onde ela tinha nascido, ela falou que nasceu aqui em São Paulo e por questões de trabalho os



pais dela tiveram que ir pro interior, ela teve de ir junto. Foi difícil no começo se adaptar, mas no fim ela acabou se adaptando e gostando. Ela se sentia acolhida nos dois lugares, tanto aqui em São Paulo, como no interior. E disse que voltou pra São Paulo pra estudar, pra tentar ganhar a vida [...]. Ela disse que aqui em São Paulo as pessoas correm mais atrás do que elas querem, que há mais oportunidades. Ela falou pra eu não desistir, pra eu sonhar, pra conquistar o mundo [...]. Aqui as coisas acontecem muito mais rápido [...].”

Bianca: “Outra senhora me disse que o canto dela era a Casa de Deus (risos).”



Figura 23. *Still* em 00:13:53 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 24. *Still* em 00:14:09 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

## Jaraguá

Isabella em voz off: “É muito interessante porque rodamos a Zona Norte inteira e como moramos em Santana, achamos que Zona Norte é só Santana, Jardim São Paulo, Parada Inglesa e acabou. Mas é enorme [...] Você acha que mora em São Paulo mas não conhece nem metade da cidade [...]”

Isabella: “Eu acabei de contar a minha história pra uma senhora, ela estava com a filha e quando eu fiz a pergunta [...]. Ela pegou e falou: Eu sempre sou verdadeira, eu acho que sempre temos de ser verdadeiros, meu pai me ensinou isso.”

Bruna: “Eu perguntei pra ela se ela já se sentiu acolhida em algum lugar. E ela falou que quando leva a filha dela no psicólogo ela se sente bem lá.”



Figura 25. *Still* em 00:15:34 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 26. *Still* em 00:16:05 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 27. *Still* em 00:16:17 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 28. *Still* em 00:16:56 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 29. *Still* em 00:17:30 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.





Figura 30. *Still* em 00:18:04 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 31. *Still* em 00:18:13 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.





Figura 32. *Still* em 00:18:16 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 33. *Still* em 00:18:23 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

## Perus

Bruna: “A primeira senhora que eu abordei [...] Ela falou que se sentia acolhida em casa”.

Bruna: “A segunda senhora que eu abordei tinha uns 63 anos. Ela se sentia acolhida na casa da irmã dela porque... Ela me relatou uma história bem grande, mas resumindo ela teve um derrame e aí a irmã foi até lá ajudar ela e a acolheu na casa dela, então ela se

sente acolhida lá.”

Matheus: “Eu abordei um senhor, tinha uns 40, 50 anos. Eu perguntei se ele se sentia acolhido na cidade onde ele nasceu. Ele falou que nasceu no interior e faz 40 anos que ele mora aqui e até hoje nunca se sentiu acolhido aqui. Disse que é bem difícil e que não gosta de morar aqui, mora só por conta dos pais, porque se não ele voltava pra lá.”



Figura 34. *Still* em 00:18:35 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 35. *Still* em 00:18:43 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 36. Still em 00:19:08 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 37. Still em 00:19:13 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



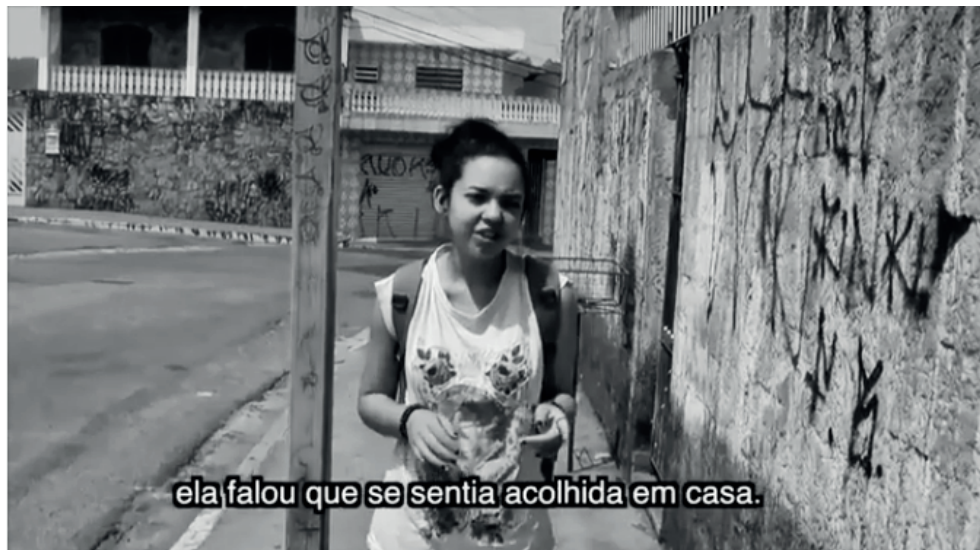


Figura 38. *Still* em 00:19:31 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 39. *Still* em 00:20:15 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.



Figura 40. *Still* em 00:21:08 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

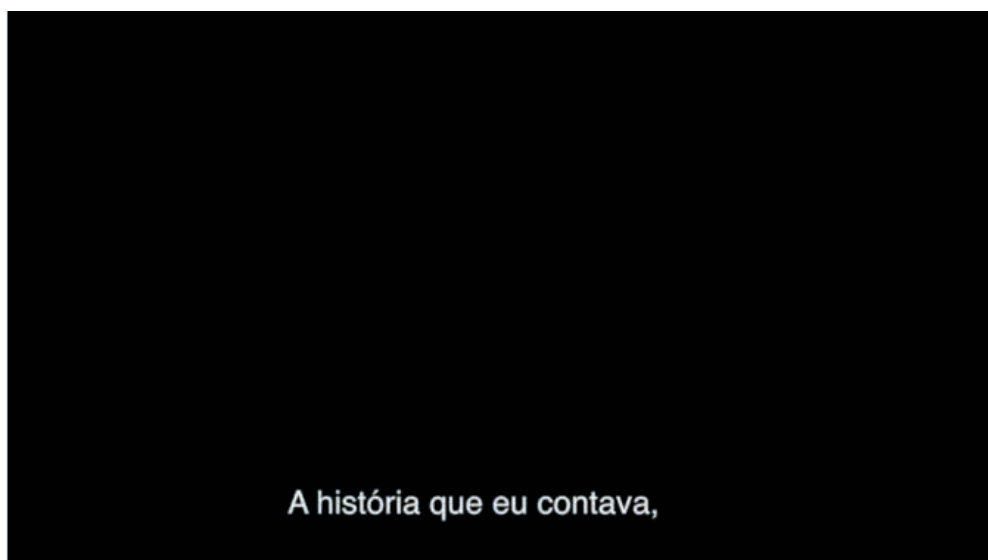


Figura 41. *Still* em 00:21:11 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

Em voz off e com a tela preta **os performers contam suas histórias.**

Bruna: “A história que eu contava no ponto de ônibus era a seguinte: Quando eu era mais nova eu tinha alguns problemas com meu pai, ele bebia muito. Então eu aprendi a andar de ônibus e ir pro centro da cidade. E chegando lá eu me sentia bem lá, me sentia acolhida. Então eu perguntava pra pessoa: Você já se sentiu acolhido em algum lugar?”

Lidinara: “Eu tinha uns 4 ou 5 anos, estava na pré-escola ainda quando conheci Caroline. Éramos amigas e eu não entendia o porquê das outras meninas não falarem com



ela. Devia ser por causa dos cabelos curtos... Depois de um tempo descobri: Carol tinha leucemia. Ela sumiu da escola e depois de um tempo encontrei o pai dela que era zelador ali. Perguntei por Carol. Ele me abraçou e disse que ela tinha ido para o céu. Não entendi, com toda a pureza de uma criança disse que ela voltaria. E então choramos os dois. E você, qual foi seu primeiro contato com a morte?”

Isabella: “[...] Eu sempre gostei de garotos e garotas, até que eu decidi contar isto pros meus pais, só que quando eu contei eles não acreditaram, me falaram outras coisas que eu não posso falar, mas continuaram não acreditando. Vocês já fingiram não acreditar em uma coisa que você sabia que era verdade?”

Bianca: “Eu me encontro em todo canto. Talvez seja o fato de eu ter saído de casa muito cedo que me faça buscar em cada objeto, em cada rosto uma familiaridade qualquer. E você? Qual é o seu canto?”

Matheus: “Faz quase um ano que me mudei do interior pra São Paulo, eu sempre quis viver aqui. Porém hoje sinto que pertenço ao lugar onde nasci. Você se sente acolhido na cidade onde nasceu?”



Figura 42. *Still* em 00:23:15 do vídeo “Conto de ônibus”, do grupo Atos Cultivados.

O vídeo termina com a mesma catraca do início.

## ROMPIMENTO DE FRONTEIRAS

Entre “Os catadores e eu” e “Conto de ônibus” há algumas semelhanças: as coletas de imagens ou de histórias (palavra presente na fala de Bruna), a viagem em busca dos entrevistados, a estrada que organiza o espaço (YAKHNI, 2011), o uso de câmeras digitais pequenas, a performance, a inversão de papéis entre entrevistado e entrevistador: o

“criador em presença, sua voz autoral, em que se acumulam as funções de direção, criação da textualização do processo e *linkage* da *mise en scène*.” (COHEN, 1998)

Esta inversão de papéis, ou o descobrir-se no papel do outro é o que há de mais precioso no documentário. Estar com o outro, como nos diz Varda sobre seu filme “Os catadores e eu”:

Este documentário nasceu de várias circunstâncias. De emoções ligadas à precariedade, do recente uso de pequenas câmeras digitais e do desejo de filmar aquilo que vejo de mim mesma: minhas mãos que envelhecem e meus cabelos que embranquecem. E meu amor pela pintura quis também se exprimir. Tudo isso deveria responder e se imbricar no filme, sem trair o tema social que eu queria abordar: o desperdício e os dejetos. Quem os recupera? Como? Pode-se viver do resto dos outros? Na origem de um filme, há sempre uma emoção. Esta era a vez de ver tanta gente que vai recolher as sobras das feiras ou os restos jogados em latões de lixo dos grandes supermercados. Quando os via, queria filmá-los mas não sem o seu acordo. Como testemunhar por eles sem incomodá-los? Minhas intenções só se definiram durante as filmagens e a montagem. Pouco a pouco, fui encontrando a boa dosagem entre as auto-sequências (a ‘catadora’ que de uma mão filma a outra ou a sua mala) e as sequências sobre aqueles cuja situação e comportamento haviam me impressionado. Consegui me aproximar deles e fazê-los sair do anonimato. E acabei descobrindo pessoas generosas. Há várias formas de ser pobre, de ter cólera, bom senso ou bom humor. As pessoas que filmei nos ensinam muito sobre a nossa sociedade e sobre nós mesmos. Eu também aprendi muito fazendo esse filme. Tive a confirmação de que o documentário é uma escola de modéstia. (VARDA, 2006, p. 117)

“Jogo de Cena” (Eduardo Coutinho, 2007) é um filme ensaio construído através de 23 relatos de mulheres, gravados por uma câmera estática, no Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro. As histórias foram selecionadas entre outras 60, que chegaram ao diretor depois da publicação de um anúncio no jornal. A maioria dos depoimentos trata de temas delicados, como a maternidade, a relação entre pais e filhos, fins de relacionamentos e homossexualidade.

Sentada em uma cadeira de frente para Coutinho, ou para a câmera, no palco, de costas para as cadeiras vazias do teatro, cada mulher produz um relato. A confusão se faz quando uma atriz desconhecida repete a mesma fala de uma entrevistada e ficamos sem saber quem é uma e quem é outra. A fronteira rompida se dá entre atriz-personagem e entrevistado. Como se Coutinho ensaiasse que a fronteira entre a verdade do documentário e a ficção ali já não tivessem limite.

Em “Conto de ônibus” performer e pessoa abordada (para não dizer entrevistado, pois não o é) não existe, porque ambos contam suas histórias, a diferença é que o performer está consciente da ação e o passageiro da paragem/ponto de ônibus muitas vezes pensa que ali se trava uma conversa cotidiana, motivo mesmo de a câmera não estar presente. Outras vezes percebe algo estranho (“Mas quem é você? Eu não te conheço.”), o performer chega sem dizer “oi” ou “com licença”, conta sua história que tem relação com a pergunta

que fará ao passageiro para que ele conte sua história e sai assim que a história do outro finda. Em seguida transmite a história para a câmera. Ao ficcionar suas histórias de vida e compartilhá-las, performer e passageiro produzem enunciados coletivos.

Resta ao autor a possibilidade de se dar “intercessores”, isto é, de tomar personagens reais e não fictícias, mas colocando-as em possibilidade de “ficcionar” por si próprias, de “criar lendas”, “fabular”. [...] A fabulação não é um mito impessoal, mas também não é ficção pessoal: é uma palavra em ato, um ato de fala pelo qual a personagem nunca para de atravessar a fronteira que separa seu assunto privado da política, e produz, ela própria, enunciados coletivos.” (DELEUZE, 2007, p.264)

## MEDIAÇÕES

Porém, entre a performance e o vídeo adquire-se a inevitável mediação, característica da própria mídia utilizada.

Em Santiago, obra do diretor João Moreira Salles dedicada ao mordomo Santiago Bardariotti Merlo (1912-1994) que servira por sua família por pelo menos três décadas, trata-se do filme dentro do filme, isto é, de uma reflexão do diretor sobre o material bruto que, captado treze anos antes, em 1992, ficara intocado, como um desejo extraviado e um projeto fracassado. (MARZOCHI, 2012, p.27)

A explicitação máxima da mediação em Santiago se dá quando Salles desliga a câmera diante de um pedido de relato do mordomo: “E no fim, quando Santiago tentou falar do que lhe era mais íntimo, eu não liguei a câmera”.

Na reflexão ensaística que Salles traz ao documentário, ao expor-se em sua posição de documentarista em clara posição hierárquica diante do entrevistado, ele assume o problema da mediação, o “segredo do filme”.

Essa é a última filmagem que fiz com Santiago, ela me permite fazer uma observação final. Não existem planos fechados neste filme, nem um close de rosto, ele está sempre distante. Penso que a distância não aconteceu por acaso, ao longo da edição entendi o que agora parece evidente, a maneira como conduzi as entrevistas me afastou dele. Desde o início havia uma ambiguidade insuperável entre nós, que explica o desconforto de Santiago. É que ele não era apenas meu personagem. Eu não era apenas um documentarista. Durante os cinco dias de filmagem eu nunca deixei de ser o filho do dono da casa, e ele nunca deixou de ser o nosso mordomo. (SALLES, 2014)

## ENSAIO

Diferentemente de “Santiago”, são poucas as vezes em que os performers de “Conto de ônibus” refletem sobre o material videografado. Isto ocorre duas vezes, quando Isabella encontra uma garota que viveu uma situação parecida com sua história, ela diz: “achei engraçado a naturalidade com que ela lidou com isto” e no longo trajeto até o Jaraguá: “É

muito interessante porque rodamos a Zona Norte inteira e como moramos em Santana, achamos que Zona Norte é só Santana, Jardim São Paulo, Parada Inglesa e acabou. Mas é enorme [...] Você acha que mora em São Paulo mas não conhece nem metade da cidade [...]"

Contudo, o ensaio talvez se encontre em forma não-verbal. Este vídeo não somente capta índices de realidades (MACHADO, 2003), mas ao expô-las e editá-las, constrói de maneira crua um mapa das subjetividades paulistanas que se tornam públicas. Ao permitir-se o encontro com o outro, aquele que não está em seu círculo de estudos, não possui sua idade e não lhe é familiar, pode-se perceber o comum e o incomum nas distintas histórias: a fabulação; o acolhimento na “Casa de Deus”, no psicólogo, no centro da cidade ou “em todo canto”; São Paulo como a cidade do trabalho, das oportunidades e da pressa; o estar em uma cidade e não desejar morar ali; os moralismos e os conselhos; as reflexões provocadas (“Agora eu vou voltar pra casa com esta pergunta na cabeça”).

Também o modo processual da construção do vídeo, a descoberta das distâncias de sua própria cidade e das histórias das pessoas que por ali transitam, podem caracterizar a forma ensaística. Os performers /vídeo-artistas inventam seu objeto no ato mesmo da construção imagética. E incluem a si mesmo no experimento:

Ao fazê-lo, o ensaio autêntico vai além do ato estético ou ético; o procedimento intelectual desdobra-se no páthos existencial do autor. A teoria fica para trás, penetramos na esfera dos casos concretos, que se dão em carne e osso, num tempo e num espaço determinados, conforme exigia Kierkegaard, na contramão de Hegel. O que o ensaio faz? Ele busca uma realidade concreta que se destaca da teoria, a ocorrência concreta de uma ideia, refletida no próprio ensaísta. (BENSE, 2014)

No início e ao fim do vídeo está a catraca. Referência ao trabalho da artista paulistana Grazielle Kunsch em exposição na 31a Bienal de São Paulo, no qual ela cola no chão de entrada da Bienal a seguinte frase: “Tem uma catraca no meio do caminho” para depois discutir com o público da Bienal a dificuldade que tem os moradores da periferia de estarem ali porque não podem pagar a tarifa (que não é zero).





Grazielle Kunsch. *Tem uma catraca no meio do caminho*. 31ª Bienal de São Paulo. 2014

A relação com o espaço público, da prefeitura, neste vídeo se faz por fora, na rua, onde estão os pontos de ônibus. O vídeo foi realizado nos arredores de sete equipamentos: a Biblioteca Nuto Sant'Anna e Afonso Schimidt, o Centro Cultural da Juventude, os CEUs Jaçanã e Vila Atlântica, o Ponto de Leitura da União dos Moradores do Parque Anhanguera e o Bosque de Leitura do Parque de Toronto.

A possibilidade de circular pela cidade se fez com o apoio da própria prefeitura mediante um prêmio que valoriza as ações culturais periféricas.

A catraca, última imagem, apresenta o meio público para entranhar-se na imensidão da metrópole.

## FILMOGRAFIA

COUTINHO, Eduardo. **Jogo de Cena**. Brasil, 2007, cor, 107 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RUasyqVhOuw> Acesso em dez. 2014

CULTIVADOS, Atos. **Conto de ônibus**. Brasil, 2014, cor, 22 '45".

SALLES, João Moreira. **Santiago**. Brasil, 2007, preto e branco, 79 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ChWUbwQJ04s> Acesso em dez. 2014

VARDA, Agnès. **Les Glaneurs et la Glaneuse**. França, 2000, cor, 82min. Disponível em <https://vimeo.com/37089032>. Acesso em dez. 2014

## BIBLIOGRAFIA

BENSE, Max. **O ensaio e sua prosa**. Tradução de Samuel Titan Jr. Disponível em [http:// www.revistaserrrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/](http://www.revistaserrrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/) Acesso em dez. 2014

COHEN, Renato. **Work in progress na cena contemporânea**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1998. XXVIII

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007

MARZOCHI, Ilana Feldman. **Jogos de cena: ensaios sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Tese de doutorado orientada por Ismail Xavier. Escola de Comunicação e Artes, USP, 2012.

VARDA, Agnès. **Restrospectiva Agnès Varda - o movimento perpétuo do olhar**. 2006, p117

YAKHNI, SARA. **Cine ensaios de Varda: o documentário como escrita para além de si**. Tese de doutorado orientada por Elinaldo Teixeira. Instituto de Artes, Unicamp, 2011.